



Banco comunitário
é experiência de
economia solidária
no Preventório

Rádio comunitária
da UFF é também
um espaço de
aprendizado

UFF Media Lab:
inovação para além
do mundo dos jogos

Nesta edição

a.u.d.i.o.v.i.s.u.a.l

Filmes que retratam o cotidiano das comunidades indígenas servirão de material didático-pedagógico nas aldeias no Centro-Oeste brasileiro. Ação é fruto do projeto de extensão Cinema-Educação nas Escolas Indígenas Guaranis de Mato Grosso do Sul, do Departamento de Cinema e Vídeo do Instituto de Arte e Comunicação Social (IACS).



e.d.u.c.a.ç.ã.o

Criado pela Diretoria de Relações Internacionais, Programa de Apadrinhamento de Intercambistas é uma oportunidade de aprendizado e troca entre alunos da UFF e estudantes estrangeiros.



c.i.d.a.d.a.n.i.a

Criado por incubadora da UFF, banco comunitário do Morro do Preventório concede empréstimos com juros baixos e estimula permanência de recursos na comunidade.

t.e.c.n.o.l.o.g.i.a

Laboratório do Instituto de Computação, o UFF Media Lab é referência no desenvolvimento de jogos e plataformas digitais dentro e fora da universidade.



c.u.l.t.u.r.a

Com repertório diversificado e aberta à produção independente, rádio comunitária da UFF é também um espaço de aprendizado.



Projeto de cinema e audiovisual da UFF registra costumes de povos Guarani e Kaiowá

Vídeos farão parte do acervo das escolas de aldeias do Mato Grosso do Sul

Em guarani, “Teko Arandu” significa “viver com sabedoria”. A expressão também dá nome a um ponto de cultura situado na aldeia de Caa-rapó, no Mato Grosso do Sul, e à licenciatura indígena da Universidade Federal de Grande Dourados (UFGD), parceira da Universidade Federal Fluminense no projeto de extensão Cinema-Educação nas Escolas Indígenas Guaranis de Mato Grosso do Sul, do Departamento

de Cinema e Vídeo do Instituto de Arte e Comunicação Social (Iacs).

Como explica a coordenadora do projeto, Eliany Salvatierra, os vídeos produzidos pela equipe servirão de material didático-pedagógico nas salas de aula das aldeias. O objetivo é fortalecer a produção cinematográfica dos indígenas do Mato Grosso do Sul e valorizar

a sabedoria de suas práticas e tradições. “As discussões em torno do audiovisual estão muito avançadas entre os movimentos indígenas locais, que já contam com o ponto de cultura Teko Arandu e com a Associação Cultural dos Realizadores Indígenas (Ascuri), o que direcionou nosso olhar para lá”, justificou Eliany, sobre a escolha da região de Grande Dourados, que compreende os municípios de Caarapó,

Deodápolis, Douradina, Dourados, Fátima do Sul, Glória de Dourados, Itaporã, Jateí, Nova Alvorada do Sul, Rio Brilhante, Vicentina e Juti.

A convite da Ascuri, o projeto da UFF realizou, em janeiro deste ano, um seminário e oficinas como atividades de extensão do curso da UFGD, que cedeu espaço físico e recursos para transporte, hospedagem e alimentação da equipe. As filmagens e parte das atividades da oficina ocorriam fora do campus da UFGD, dentro das aldeias, já que os vídeos retratam temas do cotidiano dos indígenas.

Para a produção dos vídeos, 17 jovens das etnias Guarani e Kaiowá atuaram em todas as etapas de produção. Os vídeos foram lançados em 25 de maio, no Teatro Municipal de Dourados, durante a Mostra Audiovisual de Dourados. Dez dias de oficina e quatro semanas de pós-produção resultaram na criação de seis curtas-metragens, sendo cinco documentários e um filme de etnoficção - gênero ficcional que retrata rotinas, lendas e tradições do ponto de vista dos indígenas. “Demos vazão a algo que construímos em diálogo com as comunidades, a partir da maneira deles de organizar e compreender os processos criativos e educativos.”, disse o bolsista Iulik Farias, do oitavo período de Cinema e Audiovisual da UFF e um dos idealizadores do projeto.

Simultaneamente às oficinas, foi realizado um seminário para alunos de licenciatura em Educação Intercultural da Faculdade Intercultu-



Durante oficinas, indígenas registram o dia a dia da tribo

ral Indígena da UFGD, nas áreas de ciências sociais, linguagens, matemática e ciências da natureza. A maioria dos estudantes já é de educadores nas escolas públicas das reservas indígenas. O evento discutiu o potencial da produção audiovisual não apenas como registro das tradições ou expressão artística, mas como forma de dar visibilidade aos problemas da região do Mato Grosso do Sul, que há muitos anos é foco de conflitos por disputa de terras.

Para Eliany Salvatierra, aliados a entidades e movimentos sociais locais, os projetos na área de audiovisual têm um papel fundamental de mobilização política. “Atuamos no sentido de criar um polo de produção nesses territórios para que eles continuem a fazer seu próprio

material. Os registros da tradição, filmes ficcionais, a escola indígena e a formação de cursos para lideranças indígenas atuam para ajudá-los a se movimentarem politicamente. É importante mostrar o que acontece por lá, para denunciar um caminho de deterioração da vida, de miséria, de suicídios e assassinatos de indígenas, além de uma realidade de intensa disputa territorial com os representantes do agronegócio”, afirmou.

Outra questão fundamental para os participantes do projeto é observar como os índios contam e registram suas histórias. “A relação de ensino-aprendizagem desses povos é ligada ao fazer tradicional, aos modos de organização familiares e ao diálogo entre as gerações.

Por outro lado, quando visitamos as escolas das aldeias, não nos deparamos com essa realidade. O que existe é um modelo de escola preestabelecido pelas políticas públicas, que não valoriza os saberes tradicionais. Para os povos Guarani e Kaiowá, o cinema atuaria primordialmente como porta de entrada de seus anciãos, os rezadores, nas salas de aula”, defendeu Farias. Segundo ele, a escola governamental deveria atender às demandas e anseios desses povos, compreendendo as necessidades de afirmação da identidade cultural.

Sob a ótica da extensão, Eliany avalia que o projeto proporciona a troca de conhecimento entre os envolvidos, o que rendeu à equipe, por exemplo, o aprendizado de termos em guarani. Mas o aspecto mais presente é a observação dessa outra maneira de viver. “Os alunos não imaginavam que havia outra forma de lidar com a natureza, o tempo, as relações, as crenças. E ter contato com a luta, o problema da terra, a miséria e as dificuldades, isso os humaniza. Vai além do que discutimos sobre ética, moral e compromisso, do ponto de vista teórico”, explicou.

De acordo com a coordenadora, a valorização passa, ainda, pela percepção das diferenças linguísticas e pela discussão de quais práticas e rituais podem ser documentados e quais devem ser resguardados. Citando a líder de causas femininas e indígenas, Marta Guarani, Eliany Salvatierra concluiu: “Não é o índio que perde quando é aculturado pelo branco.

Quando acultura-se o índio, é o branco que perde a oportunidade de conhecer um saber tradicional, milenar. Nós perdemos”.

Como tudo começou

O projeto Cinema-Educação nas Escolas Indígenas Guaranis de Mato Grosso do Sul teve início quando Eliany Salvatierra ministrou aulas da disciplina de Arte-Educação para Iulik Farias, e perceberam o interesse mútuo pela cultura indígena.

Em meados de 2012, antes da primeira oficina, entraram em contato com as comunidades e acompanharam reuniões da Comissão de Professores Indígenas de Mato Grosso do Sul, conversando com lideranças locais sobre a produção cinematográfica realizada até então nas reservas e sobre seu potencial como material pedagógico. Após um ano e meio de pesquisa documentando o cotidiano desses povos, Eliany e Farias organizaram o acervo e criaram um projeto de extensão. Com a aprovação do projeto pela UFF, iniciaram a edição das imagens selecionadas pelos indígenas.

Eliany Salvatierra explica que as primeiras filmagens privilegiam práticas culturais perpetuadas pelas gerações, como a feitura da “xixá”, bebida obtida a partir da fermentação do milho branco; a produção da farinha de mandioca e cantos-reza entoados pelos Ñanderus e Ñandesys, guias espirituais das tribos. “Por adentrarmos um universo mais

cosmológico, muito próximo da antropologia, sentimos naturalmente a necessidade de estreitar os contatos com pesquisadores da área, quando buscamos apoio do Laboratório do Filme Etnográfico da UFF”, acrescentou Farias. O material coletado serviu de base para curta-documentários produzidos durante a oficina de janeiro de 2013.

Também integram o projeto os estudantes da UFF Adriano Rayol e Renato Telles, como técnicos de som; Bárbara Moraes, editora; e Pedro Félix, fotógrafo; a coordenadora de produção Raquel Canário, graduada em Comunicação Social pelo Instituto Baiano de Ensino Superior; os alunos Bruno Rocha e Guilherme Gravina, da Universidade Federal de Juiz de Fora; e Gabriel Bilig, da Escola de Cinema Darcy Ribeiro. O projeto é desenvolvido em parceria com o Laboratório do Filme Etnográfico da UFF, coordenado pela professora Ana Lúcia Ferraz, do Departamento de Antropologia do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia.



Assista a trechos de alguns dos filmes produzidos pelos indígenas



Clique nas imagens para assistir aos vídeos

“Kanhya nhande hegwi nhanderu” (“O Desaparecimento do Menino-Deus”)

Expulso de seu território por fazendeiros, grupo Kaiowá retorna à terra natal para resgatar menino que será o futuro líder espiritual.

Fotografia: Rafael Peralta, Saldo Jorge, Ademilson Concianza Verga, Raimundo Vogarim, Helinha Severino

Captação de som: Noé Aquino Jorge, Berto Aquino Jorge, Patrícia da Silva Pedro, Leide da Silva Pedro, Micheli Perito Concianza
Edição e montagem: Ana Paula Perito Severino, Patrícia da Silva Pedro, Leide da Silva Pedro

Gênero: Etnoficção

<http://www.youtube.com/watch?v=eoUnwlvvuqM>

“Avati Moroti ha Mboraei” (“O Canto-Reza do Milho-Branco”)

Documentário sobre o canto-reza de plantio das roças de milho-branco, o Avati Moroti.

Fotografia: Berto Aquino Jorge, Suziamar Aquino Jorge, Helinha Severino, Patrícia da Silva Pedro, Leide da Silva Pedro

Captação de som: Noé Aquino Jorge, Rafael Peralta, Saldo Jorge, Alexquison da Silva Cepre, Raimundo Vogarim, Natanael Aquino da Silva
Edição e montagem: Ademilson Concianza, Tatiane Benites, Micheli Perito Concianza

Gênero: Documentário

http://www.youtube.com/watch?v=VQepe_IsQC4

“Ongosu Porahei Ha Kotyhu” (“Cantando e Dançando na Casa-de-Reza Kaiowá”)

Documentário sobre os cantos e danças encenados durante a construção da Ongosu, a casa de reza Kaiowá.

Fotografia: Abrisio Silva Pedro, Ana Lúcia Ferraz

Som direto: Fábio Concianza e Ademilson Concianza
Edição, montagem e roteiro: Tatiane Benites, Berto Aquino Jorge, Noé Aquino Jorge, Suziamar Aquino Jorge

Gênero: Documentário

<http://www.youtube.com/watch?v=3D7PWtvVTHE>



Programa de Apadrinhamento de Intercambistas: uma experiência de intercâmbio cultural sem sair do país

Danniel Sistons recebeu a italiana Giorgia Passalacqua com informações sobre cidade e a universidade

Na busca por uma integração entre alunos da UFF e estudantes estrangeiros, a Diretoria de Relações Internacionais (DRI) desenvolve, desde 2011, o Programa de Apadrinhamento de Intercambistas (PAI). Idealizado para dar suporte aos alunos estrangeiros antes e após a chegada ao Brasil, o projeto proporciona um rico ambiente de troca, além de contribuir para a formação pessoal dos participantes, como explica a responsável pelo programa, Gabriela

Brandão. “O PAI, além de ser um apoio para a DRI e uma enorme contribuição para o desenvolvimento do Programa de Mobilidade Internacional, dá aos estudantes da UFF o contato com outras culturas”, afirmou.

Para os alunos da UFF, essa é uma atividade voluntária que pressupõe algumas responsabilidades. O padrinho, ao assumir o compromisso, deve fazer contato prévio com o aluno

estrangeiro, recebê-lo na chegada ao Brasil, orientando sobre a cidade e a universidade, além de auxiliá-lo com documentação, registro na Polícia Federal, matrícula e inscrições nas disciplinas.

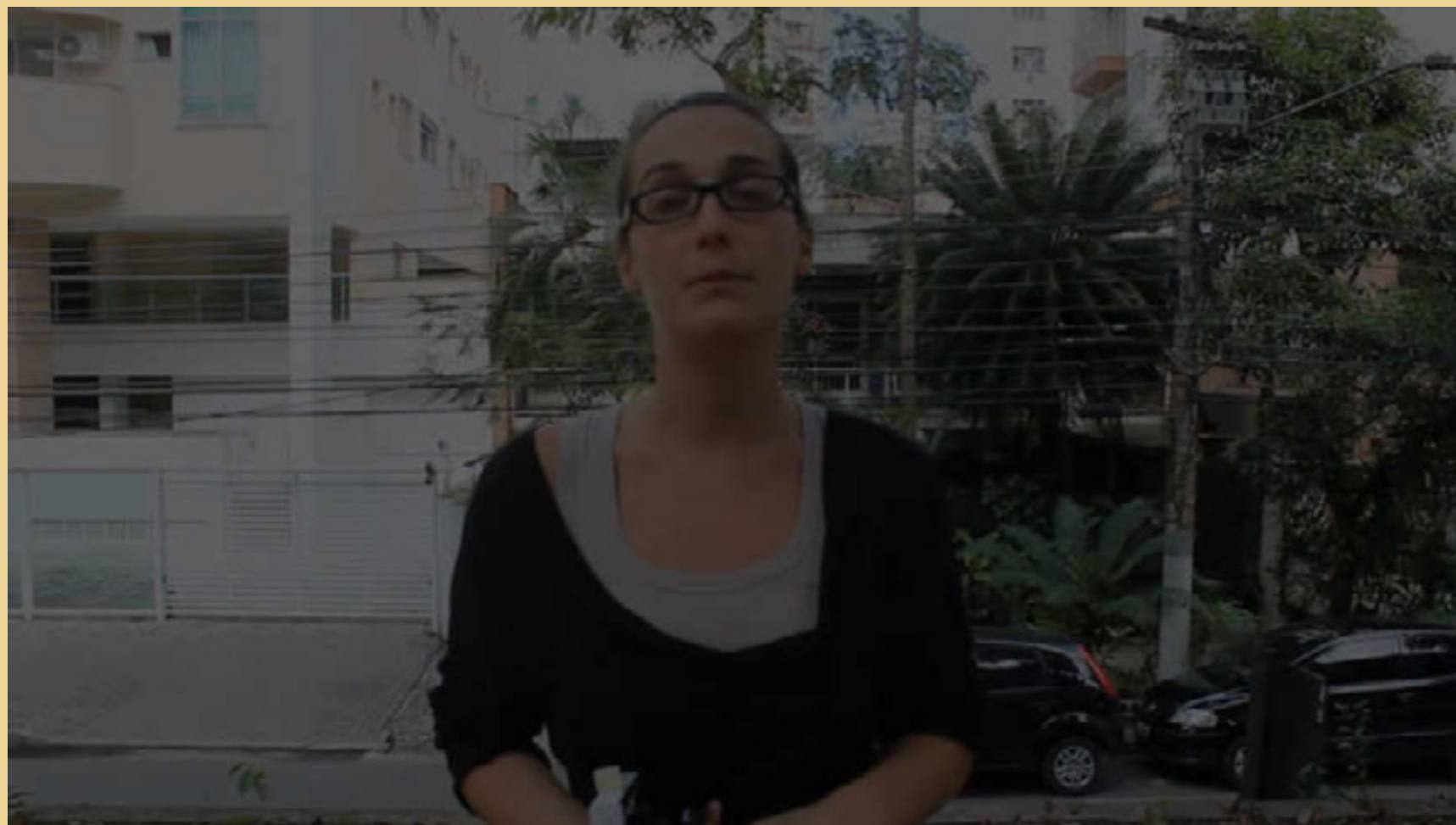
São mais de 150 instituições conveniadas com a UFF, em países como Alemanha, Argentina, Austrália, Canadá, Espanha, Estados Unidos, França, Japão, Portugal e Rússia. O aluno

Experiência que se repete

Padrinho pela primeira vez em 2012, o estudante do sétimo período de Engenharia Elétrica Danniel Sistons repetiu a experiência no início deste ano, quando recebeu a italiana Giorgia Passalacqua, do oitavo período de Engenharia Civil. Para ele, a experiência só veio a somar. “Gosto do contato com outras culturas, de aprender sobre costumes, palavras, comidas”, disse Sistons, acrescentando que a participação no PAI também rendeu no-

vas amizades. “Outra coisa que eu vejo como vantagem e me deixa orgulhoso é que tive a oportunidade de ajudar alguém. Aconselho a todos que participem pelo menos uma vez; a experiência só vem a somar”, garantiu.

Após vencer a dificuldade inicial de encontrar um local para morar, Giorgia relata os benefícios de ser acolhida por um brasileiro para adaptação.



Clique na imagem para assistir ao vídeo do depoimento da aluna italiana

voluntário pode escolher a nacionalidade do seu afilhado e em que língua deseja se comunicar. Preferências de curso e o campus em que o estrangeiro vai estudar também são considerados. Antes de efetuar a escolha, o estudante passa por entrevista na DRI para conhecer o programa, suas responsabilidades e o tempo disponível para o desenvolvimento da atividade voluntária. O objetivo é conciliar as demandas e a disponibilidade dos envolvidos.

Já o intercambista solicita o apadrinhamento no momento da inscrição para transferência de sua universidade para a UFF. Para isso, fornece informações pessoais básicas, necessidades de moradia e idiomas falados, sendo a fluência em português uma exigência para ingresso no programa.

Ao fim do intercâmbio, a DRI envia formulários para que padrinho e afilhado descrevam a experiência, incluindo as dificuldades e os acertos. “Esse retorno é importante, porque a partir dele podemos melhorar a orientação dada pelo programa”, explicou a estagiária e colaboradora do PAI Gisele Barros.

Como participar do PAI

Os interessados devem preencher o formulário disponível no site da DRI e enviá-lo para pai@aai.uff.br. Outras informações no site <http://www.aai.uff.br>.

Banco Comunitário muda a vida de moradores e se torna experiência bem-sucedida de economia solidária no Morro do Preventório

Criado por incubadora da UFF, banco concede empréstimos com juros baixos e estimula permanência de recursos na comunidade

Tudo começou em 1998, em Fortaleza. Lá foi criado o Banco de Palmas, primeiro Banco Comunitário de Desenvolvimento do Brasil, que mais tarde serviria de modelo para iniciativas semelhantes em todo o país. Em Niterói, não foi diferente. Da parceria entre a Incubadora de Empreendimentos em Economia Solidária (lees) da UFF e a empresa de energia Ampla surgiu o Banco Comunitário do Morro do Preventório, em 2011. Desempenhando desde serviços de bancos convencionais até o fomento da economia de áreas carentes, a instituição é uma referência na vida dos moradores e um local de encontro e acolhimento.

De acordo com o coordenador do lees, Sérgio Castilho, os bancos comunitários têm como função a geração de renda para as comunidades onde atuam. “O objetivo é permitir que as pessoas fomentem algum desenvolvimento econômico local. Uma definição muito boa do fundador do Banco de Palmas, Joaquim Melo, é a de que não existe comunidade pobre, mas comunidade empobrecida.” Ainda segundo Castilho, comunidades pobres não teriam recursos. Seria o caso de uma população de seminômades nas bordas do Saara na África, por exemplo. Na periferia de Niterói, onde as pessoas trabalham, bem ou mal, recebem um salário mínimo, pensão ou aposentadoria. No entanto, pela lógica fria da sociedade capitalista, esses recursos acabam drenados para outros lugares.

Sérgio Castilho exemplifica a afirmação lem-

brando das compras de mês. Sem um fomento da economia local, o morador realiza as compras no supermercado da cidade, ao invés de comprar produtos em uma mercearia da comunidade. O banco comunitário, no entanto, possibilita a abertura de novos negócios no local, como a mercearia, além de incentivar os comerciantes a realizarem promoções que estimulem o consumo interno. “A ideia do banco é criar uma instituição financeira no local que pertença àquela comunidade. Esta instituição financeira popular empresta dinheiro às pessoas e se preocupa com que este circule na localidade. Uma vez retido na comunidade, essa dinâmica possibilita a criação de diversos benefícios para os moradores”, resumiu.

Benefícios

Existem no Banco Comunitário três linhas de crédito, duas delas em real e uma na moeda social da comunidade que, no caso do Preventório, chama-se “prevê”. Essa moeda varia de 0,25 a 50 “prevês”, o equivalente a R\$ 50.

No caso do empréstimo em real, o empreendedor que queira abrir um negócio ou melhorar o que já possui pode solicitar até R\$ 800. Esse é o empréstimo produtivo voltado para os negócios dos moradores. A outra forma de empréstimo em real é o de construção ou habitação. Nesse caso, os interessados podem requerer até R\$ 500 para construir ou reformar suas casas. Nas duas modalidades, a dívida deve ser paga no prazo de seis meses, com juros de até

2,5% ao mês, em parcelas iguais.

A terceira linha de crédito é a da moeda social. Quem adquire empréstimo em “prevê” tem até um mês para devolver a quantia sem pagar juros. A dívida deve ser quitada em reais, e o empréstimo pode ser renovado no momento da devolução, como explica a atual presidente do banco, Maria das Graças Nunes. “Esse dinheiro [“prevê”] circula pela comunidade, e as pessoas podem comprar roupas, bolsas, pão, legumes, frutas, gás. Vamos supor que seu salário chegou ao fim, e o gás acabou antes de você receber. Então, pode ir ao banco, pegar 50 “prevês”, pagar o gás, e devolver em até 30 dias na forma de R\$ 50”. O limite para essa forma de empréstimo é de até 100 “prevês”.



Com empréstimo, Kátia Lúcia Ribeiro e José Pedro de Oliveira compraram equipamentos para o trabalho no lava a jato



Moradores recorrem ao banco para pagamento de contas e concessão de crédito

As vantagens do crédito no Banco Comunitário em relação ao banco convencional vão além dos juros abaixo do mercado, como explica o diretor do Banco do Preventório, Marcos Rodrigo Ferreira. “As grandes instituições exigem certas garantias para concessão de créditos e não conhecem os empreendimentos. Aqui é diferente, pois conhecemos para quem emprestamos”, afirmou. Os bancos comunitários também oferecem outros serviços bancários, como abertura de contas correntes, poupanças e o pagamento de contas.

Moradora da comunidade, Kátia Lúcia Ribeiro atesta os benefícios das linhas de crédito para criação de novos negócios. O marido dela, José Pedro de Oliveira, foi o primeiro morador a requerer empréstimo para aquisição dos equipamentos necessários para seu trabalho em um lava a jato que funciona no Morro do Preventório. “O banco nos ajudou bastante. Com os empréstimos, conseguimos comprar as máquinas para começar a trabalhar. Às vezes, precisamos de dinheiro para comprar alguma coisa do trabalho, e eles emprestam”, disse.

Dono de um bar no Preventório, Edvaldo Costa destaca também as facilidades proporcionadas pela agência. “Ficou mais perto para realizar os pagamentos, e ainda podemos fazer um empréstimo melhor aqui do que lá fora, pois os juros são baixíssimos”, assegurou. Kátia e Edvaldo fazem parte dos cerca de 40 moradores atendidos por dia no Banco do Preventório.

Balanço da experiência

Coordenadora da incubadora na época em que o Banco Comunitário do Morro do Preventório foi criado, Bárbara França acredita que a iniciativa é uma experiência bem-sucedida não apenas para a comunidade como também para alunos e professores envolvidos. “O banco mudou muito a vida dos moradores. O que deixava a comunidade muito decepcionada era que os projetos desenvolvidos começavam e acabavam. Mas esse é diferente, porque é da comunidade e traz uma série de benefícios para os moradores”, afirmou Bárbara.

A experiência foi enriquecedora também para alunos da UFF, que puderam atuar no projeto desde as primeiras conversas com os moradores. Aluna do curso de Serviço Social da UFF, Marianna Azeredo participou da implantação do projeto e considera a experiência inesquecível. “Hoje, posso dizer que não sou a mesma pessoa que eu era, porque me aproximei dessa outra realidade e pude perceber como é interessante a vida em comunidade e como eles têm laços fortes que os ligam”, disse.

O Banco do Preventório fica na Rua Quatorze de Abril, 2, Charitas, Niterói. Outras informações pelo telefone 3611-0037 ou pelo e-mail bancopreventorio@gmail.com.

Multidisciplinaridade e inovação além do universo dos ‘games’

Laboratório do Instituto de Computação da Universidade Federal Fluminense, o UFF Media Lab caracteriza-se, principalmente, por seu aspecto multidisciplinar e de colaboração com os mais diversos institutos e departamentos da UFF

e com outras instituições e empresas no desenvolvimento de jogos e plataformas digitais. Composto majoritariamente por professores, alunos de graduação, mestrandos e doutorandos, o laboratório atua nos campos da pesqui-

sa e extensão, com vista à disseminação do conhecimento para além das salas de aula.

O Media Lab também funciona como uma pré-incubadora para projetos de estudantes, como explica o coordenador do projeto, Esteban Clua. “Muitos alunos têm excelentes ideias, com projetos que podem vir a se tornar produtos utilizados por empresas. Permitimos que esses estudantes usem o espaço do Media Lab para trabalharem estas ideias. Caso a iniciativa torne-se um projeto interessante, será encaminhada para a incubadora de empresas da universidade.”

Em parceria com outras divisões de ensino da UFF, o Media Lab tem ações cooperativas com o curso de Engenharia Mecânica, por meio do Laboratório de Metrologia Dimensional e Computacional (LMDC), no desenvolvimento de softwares. Já com o Instituto de Arte e Comunicação Social, o Media Lab contribuiu para a elaboração do jogo “França Antártica”, que ambienta a tentativa de invasão do Brasil pelos franceses.



O “Jecripe” foi desenvolvido especialmente para crianças com Síndrome de Down

Pesquisa e extensão para além da universidade

Criado em 2007, o UFF Media Lab teve como foco inicial o desenvolvimento de jogos. Hoje, o laboratório atua em atividades que extrapolam o universo dos “games”. “Por se tratar de uma área que acaba gerando muitas tecnologias para áreas afins, nós decidimos, ao criar o UFF Media Lab, que o laboratório não focaria somente a plataforma de jogos. A maior prova disso é que hoje metade dos nossos projetos não é voltada para o universo dos ‘games’”, enfatizou o coordenador.

O destaque na extensão fica por conta da parceria com a empresa de tecnologia Nvidia, principal fabricante de placas gráficas do mundo. Dentre os projetos desenvolvidos com a empresa está o “Colatus”, um software de expansão de partículas para estudos de cosmologia, ramo da astronomia que trata da origem, estrutura e evolução do universo. “O UFF Media Lab hoje é um centro de excelência da Nvidia e é o único centro de pesquisa da América Latina que atua em parceria com essa empresa”, afirmou Esteban Clua.

Para a Petrobras, o Media Lab desenvolve o simulador de propagação de ondas acústicas para a descoberta de poços de petróleo. Atualmente, o modelo de acústica utilizado demanda muitas horas para processar uma pequena área de extração. O trabalho do Media Lab consiste em realizar a migração dos modelos atuais para

as placas gráficas, conhecidas como GPUs. Para Clua, o projeto repercutiu de forma decisiva também no aspecto financeiro. “Essa colaboração com a Petrobras foi importantíssima para o nosso laboratório, pois financiou um grande número de bolsas para nossos alunos trabalharem nessa iniciativa”, destacou.

Outro projeto de destaque é o simulador de passadiço, uma plataforma que simula a pilotagem de navios de grande porte e mostra em detalhes o ambiente desses veículos. Quando estiver finalizado, o simulador deverá diminuir a dependência da Marinha do Brasil por softwares estrangeiros. “Esse simulador será utilizado no treinamento dos pilotos de navios com o auxílio da tecnologia de ‘games’. Apesar de já existirem várias plataformas desse tipo aqui no Brasil, a maioria é importada por valores muito altos e com manutenção inviável”, explicou Clua.

O Media Lab também se dedica a jogos de cunho educativo e relevância social. O principal deles é o “Jecripe”, elaborado especialmente para crianças com Síndrome de Down. Segundo o coordenador, é o primeiro jogo criado especificamente para esse público, e a segunda versão já está em andamento.

De olho no futuro dos jogos

A exemplo de outros centros de pesquisa ao redor do mundo, Esteban Clua destaca que o UFF Media Lab tem como objetivo usar tecnologias

gráficas avançadas na próxima geração de consoles. É o caso da “ray-tracing”, utilizada para gerar imagens realistas, inclusive em efeitos especiais para o cinema, mas ainda muito pesada para os videogames atuais. “Com a próxima geração desses aparelhos, nós acreditamos que será possível inserir a tecnologia de ‘ray-tracing’ nos próximos consoles”, disse.

O laboratório também se dedica ao trabalho de andamento das narrativas de jogos, conhecidas como “storytelling”. A maioria dos “games” tem hoje histórias narradas de maneira linear, o que torna a experiência repetitiva depois que se conclui o jogo. Muitas empresas investem em alternativas para inserção de elementos de narrativa em tempo real de execução. “As aberturas no enredo permitiriam que os jogos refletissem o estilo de cada jogador, como os que preferem uma ação mais intensa ou aqueles que gostam da exploração de ambientes”, concluiu Esteban Clua.



Simulador de navegação para a Marinha

Nas ondas da Rádio Escuta



Antonio Carlos Candido apresenta o programa semanal “Futebol da Galera”

Vigia patrimonial de um dos prédios da UFF há mais de sete anos, Antonio Carlos Candido é dono de uma bela voz. Apesar de já ter feito teste para trabalhar na Rádio Nacional, seu sonho era ser jogador de futebol. Mas o destino voltou a colocar as ondas sonoras em seu caminho, e Antonio, aos 53 anos, apresenta o

programa “Futebol da Galera” na Rádio Escuta, a rádio comunitária da Universidade Federal Fluminense, coordenada pela estudante do curso de Letras da UFF Eleusa Mancini.

Fazendo tabela com o amigo Carlos Sandy, o locutor e comentarista Antonio Carlos alegre as

noites dos ouvintes da Rádio Escuta, todas as terças e sextas-feiras, às 18h40. “Fico muito feliz quando faço o programa. É uma satisfação enorme para mim. Entrar na sala, ligar o microfone e falar, sem censura, mas seguindo os padrões, é um prazer muito grande”, diz.



A Rádio Escuta surgiu na esteira de uma parceria entre o Núcleo Fluminense de Estudos e Pesquisas (Nufep), do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia (ICHF) da UFF, e a Rádio Pop-Goiaba, dirigida por Claudio Salles. Com o intuito de ser um canal de comunicação, divulgação científica e interação entre a comunidade acadêmica e a cidade de Niterói, a rádio foi transformada em um projeto da Pró-Reitoria de Extensão (Proex) e lançada, oficialmente, em 20 de julho de 2011.

Professor responsável pela rádio, Roberto Kant de Lima conta que a rádio dentro da universidade faz com que haja mais oportunidades para que os alunos conheçam o meio. “É uma oportunidade de os estudantes se aperfeiçoarem profissionalmente, tendo a rádio também como uma ferramenta de comunicação, cultura e cidadania. Além de músicos, artistas, jor-

nalistas, alunos e professores, trabalham pela divulgação cultural e científica e pela democratização da comunicação”, enfatiza.

“É uma oportunidade de os estudantes se aperfeiçoarem profissionalmente, tendo a rádio também como uma ferramenta de comunicação, cultura e cidadania”

Diversidade e interação

Transmitida pelo dial 98,7 com o slogan “A rádio que ouve você”, o veículo busca dar oportunidade à produção de música independente da comunidade, além de outras formas de produção artística.

De acordo com Eleusa, as informações transmitidas são qualificadas e as músicas gabaritadas, seja em seu conteúdo, ritmo, arranjo, letra ou sonoridade. Além disso, “a Rádio Escuta é livre para atender somente a comunidade onde está inserida, então esta é a maior vantagem. Ao mesmo tempo, transmitimos pela internet, e aí se abre um campo bem maior de ouvintes, e as informações culturais ou científicas são propagadas para o mundo”, afirma.

Por telefone, mídias sociais e pelo site da rádio, os ouvintes podem pedir músicas, divulgar informações e concorrer a prêmios. “Nossa maior alegria é quando alguém liga para a rádio porque isso é sinal de que as pessoas estão nos ouvindo”, diz Antonio Carlos.

O repertório é diversificado devido à preocupação do programador musical Rafael Lage de não segmentar o público por idade, classe social ou econômica. Dentre as canções mais tocadas na programação estão “Subirusdoistiozin”, de Criolo, “A pessoa morre”, de Karina Buhr, e “Toc toc”, dos Rolling Stones.

Além dos programas “Futebol da Galera”, “Alguém Cantando”, “Quatro e Vinte”, “Pílulas Filosóficas”, “Momento INTC” e “Janela do Samba”, a rádio oferece ainda dicas de teatro, com o ator Marcos Ácher, e dicas de literatura, com o professor Rodrigo Jorge.

Confira a programação e o Top 10 das canções da Rádio Escuta em www.radioescuta.uff.br.



Expediente

Superintendente de Comunicação Social:
Rosane Pires Fernandes

Editora-executiva: Marcia Lomelino

Projeto Gráfico e Diagramação: Alvaro Faria

Redatores:
Gabriel Oliveira
Luiza Gould
Natasha Dias
Paula Rodrigues
Renata Cunha

Revisão: Sonia de Onofre e Marcelo Gualda

Contato

Telefone: (21) 2629-5240
E-mail: revistauff@vm.uff.br



Universidade Federal Fluminense



SUPERINTENDÊNCIA DE
COMUNICAÇÃO SOCIAL